

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS – CLA**

MILLENA MACHADO DE AGUIAR

***HABERE E HAVER: TRANSFORMAÇÃO LINGUÍSTICA DO LATIM AO
PORTUGUÊS***

**RIO DE JANEIRO
2022**

MILLENA MACHADO DE AGUIAR

HABERE E HAVER: TRANSFORMAÇÃO LINGUÍSTICA DO LATIM AO PORTUGUÊS

Trabalho de conclusão de curso apresentado a fim de colar grau
da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro
ao curso de Licenciatura Letras Português/Latim

Orientador: Pedro Baroni Schmidt

CIP - Catalogação na Publicação

A282h Aguiar, Millena Machado de
HABERE E HAVER: TRANSFORMAÇÃO LINGUÍSTICA DO
LATIM AO PORTUGUÊS / Millena Machado de Aguiar. --
Rio de Janeiro, 2022.
35 f.

Orientadora: Pedro Baroni Schmidt.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
2022.

1. Verbo. 2. Variação. 3. Diacronia. 4. Latim. 5.
Português. I. Schmidt, Pedro Baroni, orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a),
sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

DEDICATÓRIA

A todos os moradores da Baixada Fluminense. A todos aqueles que duvidam, ou duvidaram, de suas capacidades intelectuais porque infelizmente a distribuição demográfica, geográfica e cultural não é homogênea. Que um dia essa insegurança tenha fim e a educação e cultura cheguem a todas as regiões do Rio de Janeiro e do Brasil.

À memória da minha tia Flávia Bessa, titia, quem me levou para fazer a matrícula na Universidade Federal de Letras do Rio de Janeiro e pôde me ver ingressar no curso do meu coração, porém, não teve a oportunidade de me ver concluí-lo, pois nos deixou em 12 de novembro de 2022, dez dias após completar 49 anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de ingressar em uma das melhores Universidades Federais do país e por Ele ter posto na minha trajetória pessoas tão essenciais para chegar até aqui, dos professores aos amigos de graduação.

Agradeço em especial, também, à minha família por todo apoio emocional e financeiro, porque não foi uma jornada fácil. Aos meus pais, Roberta e Fabrício Aguiar, por sempre investirem na minha educação; aos meus irmãos, Mariana e Fabrício Aguiar Filho, que antes mesmo do período remoto de 2020 e parte de 2021, já me ouviam e me ajudavam em cada ensaio para apresentação de SIAC/JIC, seminário e posteriormente estágio, e ainda assim tiveram muita paciência em me ouvir dizer várias vezes a mesma coisa (e coisas que eles nem entendiam ou queriam ouvir) além de cronometrarem meu tempo.

Agradeço também ao professor dr. Pedro Schmidt, meu professor e orientador, por toda paciência e apoio desde o primeiro período, das apostilas de declinação até este trabalho de monografia; sempre reconhecerei todo o apoio. Além dele, agradeço também à professora dra. Márcia Machado pela oportunidade de me apresentar e estudar a Teoria Funcionalista com os verbos na morfossintaxe da língua portuguesa, porque se não fosse pelo Projeto PREDICAR, este trabalho também não teria o formato que será apresentado.

EPÍGRAFE

“- A gente só conhece bem as coisas que cativou - disse a raposa. - Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma [...]”

RESUMO

O presente trabalho procura fazer uma abordagem diacrônica do verbo HABERE em latim e HAVER em português, com o objetivo de identificar possíveis mudanças em sua forma e uso, assim como variações construcionais em suas acepções, isto é, observar as mudanças sofridas pelo vocábulo nos campos morfossintático, sintático e semântico. A finalidade disso é a identificação de quando e como essas mudanças se deram, ou seja, quais fatores implicaram em tais modificações e, a partir de diferentes contextos, como gêneros textuais – a saber, prosa e poesia – e diversos autores romanos de diferentes períodos cronológicos do latim – como o Clássico, o Pós-Clássico e o Tardio – por meio de ocorrências textuais traduzidas especialmente para a pesquisa aqui desenvolvida, e também da língua portuguesa – com foco no Português Arcaico -; desse modo, busca-se perceber através da estrutura linguística inicialmente consolidada tais considerações aqui descritas. Sob esse viés, o método escolhido foi o desenvolvimento de uma análise quantitativa, ainda que não exaustiva, de dados extraídos dos períodos já citados e analisados sob a ótica da Gramática de Construções e Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

The present research can to make a diachronic approach about the latin verb HABERE and HAVER in portuguese, with the objective of identify possible changes in its forms and uses, like than constructions variations in its meanings, this is, observe the changes undergone by the word in morphosyntactic, synthetic and semantics. The purpose oh this is the identification of when and how that changes happens, ie, which factors implied in such modifications rom different contexts, such as textual genres – namely, prose and poetry – and several Roman authors from different chronological periods of Latin – such as the Classic, the Post-Classic and the Late – through textual occurrences translated especially for the research developed here, and also from the Portuguese language – with a focus on Old Portuguese -; thus, we seek to understand through the initially consolidated linguistic structure such considerations described here. Under this bias, the method chosen was the development of a quantitative analysis, although not exhaustive, of data extracted from the aforementioned periods and analyzed from the perspective of Construction Grammar and Cognitive Linguistics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Tabela 1.....	1
REVISÃO DA LITERATURA.....	3
METODOLOGIA.....	5
RESULTADOS/COLETA DE DADOS.....	7
1. LATIM CLÁSSICO	
1.1 HABERE/TER – sentido pleno.....	8
Tabela 3.....	8
1.2 HABERE/TER – pensar, cogitar, etc.	8
Tabela 4.....	8
1.3 HABERE/TER – possuir, conquistar, etc.	9
Tabela 5.....	9
1.4 HABERE/TER – julgar, conhecer, etc.	9
Tabela 6.....	9
1.5 HABERE/TER – <i>ter em companhia</i>, etc.	9
Tabela 7.....	9
2. LATIM PÓS-CLÁSSICO	
2.1 HABERE/TER – sentido pleno.	10
Tabela 8.....	10
2.2 HABERE/TER – ficar, <i>fixar-se</i>, etc.	10
Tabela 9.....	10
2.3 HABERE/TER – <i>considerar</i>.....	10
Tabela 10.....	10
2.4 HABERE/TER – obter, conquistar, etc.	11
Tabela 11.....	11
2.5 HABERE/TER – <i>ter em casamento</i>.....	11
Tabela 12.....	11
3. LATIM TARDIO	
3.1 HABERE/TER – sentido pleno.....	11
Tabela 13.....	12

3.2 HABERE/TER – considerar.....	12
Tabela 14.....	12
3.3 HABERE/TER – ter + atividade.....	12
Tabela 15.....	12
3.4 HABERE/TER – impessoal.....	13
Tabela 16.....	13
3.5 HABERE/TER – estabelecer, fazer.....	13
Tabela 17.....	13
4. PORTUGUÊS ARCAICO	
4.1 HAVER – sentido pleno.....	14
Tabela 18.....	14
4.2 HAVER – impessoal (<i>existir</i>).....	14
Tabela 19.....	14
4.3 HAVER – perífrase com verbo.....	14
Tabela 20.....	14
4.4 HAVER – sentido locativo.....	14
Tabela 21.....	15
4.5 HAVER – conciliação.....	16
Tabela 22.....	16
4.6 HAVER – derivação regressiva.....	16
Tabela 23.....	16
DISCUSSÃO/ANÁLISE.....	16
1.LATIM.....	17
2.PORTUGUÊS.....	20
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

A língua, como elemento vital da sociedade, assim como o próprio corpo social, está sempre em mudança e variação. Neste viés, é imprescindível o estudo de tais mudanças e variações e procurar por padrões de mudanças que expliquem tais fatos linguísticos. Logo, o presente trabalho buscará abordar a variação e mudança que ocorreu e ocorre nos usos do verbo HABERE (= HAVER), desde o latim até o português. Uma vez que a análise é diacrônica, o objetivo do trabalho é perceber em que(ais) momento(s) se dão as variações para que se percebam as mudanças, pois desde o latim clássico até hoje este verbo sofre diferentes usos morfossintáticos e semânticos. Entretanto, qual é, de fato, o sentido pleno de HABERE para que, hoje, nós tenhamos a partir deste étimo latino em português a palavra HAVER, com o sentido usual de “TER”? Uma breve busca no dicionário ou na internet logo nos remete a diversas entradas e significações com uma vasta gama de sentidos. Assim, cabe esclarecer que a pesquisa partirá do ponto de vista da Gramática de Construções, uma vez que tal corrente teórica busca compreender e sistematizar a língua a partir de seus usos.

Nesse sentido, a abordagem de textos de diferentes épocas foi feita a fim de selecionar (em diferentes autores latinos, portugueses e brasileiros) usos diversos na construção com tal verbo. A análise, desde o princípio, se mostra cabível, pois a partir do latim já se pode perceber variações semânticas como em:

1- “[...] sed Clodi animum perspectum habeo , cognitum, iudicatum. [...]” (Cic. ad Brut. 1.1) 1.(a) “mas tenho sondado o ânimo de Clódio” ¹ Semântica: TER > conhecer > julgar
2 - “[...] observat L. Domitium maxime, me habet proximum; [...]” (Cic. Att. 1.1) 2.(a) “ tem -me [mais] próximo” Semântica: TER > [ter] em companhia (sentido espacial)

Tabela 1

¹ Todas as traduções aqui apresentadas são de autoria da pesquisadora do presente trabalho.

Nos exemplos iniciais, **exemplos 1 e 2** - na prosa do autor latino Cícero, consagrado do latim clássico, já se pode perceber a variação no uso verbal em duas diferentes passagens. Logo, pode-se observar inicialmente uma variação semântica e, posteriormente, morfossintática, uma vez que em 1. o verbo *habeo* (tenho) carrega valor de “conhecer, julgar”; entretanto, no exemplo 2. nota-se o mesmo verbo *habet* (tem), extraído do mesmo período literário, porém com a noção de *ter em companhia*, isto é, por perto. Assim, por meio desses exemplos, expõe-se a intenção exploratória da pesquisa, pois os dicionários já demonstram - tanto para o latim, como para o português - distintas entradas para esse verbo. No *Dicionário Escolar Latino Português*², organizado por Ernesto Faria, atribui-se que o sentido próprio deste verbo é de *manter[-se]*; a partir disso, temos as acepções de *possuir, ocupar, tomar posse [de], guardar*; depois, *ter, haver* em sentidos próprios e figurados. Ademais, em sentido figurado: *tratar, considerar, julgar, avaliar; conhecer, saber e passar [o tempo/em companhia]*. Agora, tomando o português como referência, o *Dicionário Aurélio* apresenta-nos as seguintes definições: a princípio *ter, possuir*; e *sentir, ter* com a sigla “P.u.”, a qual indica que o sentido é pouco usado; após, tem-se *considerar, julgar; existir; suceder, ocorrer, dar-se; realizar-se, efetuar-se; fazer* (tempo decorrido); *proceder, comportar-se; entender-se, avir-se* (conciliar-se) além de ser usado como auxiliar - inclusive, já no latim foram observadas construções em que o *habeo* já era auxiliar, isto é, verbo (semi)suporte em vez de utilizado em sentido pleno - e, também, foram constatadas análises do uso desse verbo já no latim com modo impessoal.

Nessa perspectiva, é inegável observar como a língua, em uso, se constrói e reconstrói de acordo com as situações pragmáticas de seus falantes. Assim, cabe aos estudos linguísticos a função de esquematizar tais padrões a fim de se verificar um possível sistema/paradigma capaz de explicar (mesmo que parcialmente) em quais cenários se configuram esses usos e se, de alguma forma, esses usos fogem do padrão normatizante encontrado nas gramáticas tradicionais e, ainda, se há fuga da norma. Então, o linguista precisa ser capaz de criticamente analisar o que ocorre e procurar desenvolver um método avaliativo e explicativo para corresponder de maneira eficaz à análise pretendida, de forma que preencha plenamente as lacunas que a própria língua costuma nos fornecer como material de pesquisa. Para ratificar essa ideia, é válido citar Orlandi (1986), pois: “para a linguística, tudo o que faz parte da língua interessa e é matéria de reflexão”.

² Veiculado, no ano de 1963 em sua 3ª edição, pelo Ministério da Educação e Cultura

Por isso, o presente trabalho utilizará como metodologia uma análise diacrônica, quantitativa (ainda que não exaustiva), de dados extraídos de diferentes fases do latim, como o Clássico, o Pós-clássico e o Tardio até o Português Arcaico³ – correspondendo do século IX ao XIII (período denominado Pré-literário) e aos séculos XIV e XV (período denominado Português Antigo de acordo com Cintra (2020)⁴). Os dados foram coletados dos seguintes sites: o catálogo de textos *Perseus*, de onde foram extraídos os textos latinos posteriormente traduzidos pela autora desta dissertação ao longo da pesquisa científica; já o corpus do português foi baseado em uma consulta a alguns bancos de dados digitalizados⁵. Fica evidente, portanto, que o meio digital foi escolhido a modo de facilitar a busca pelo conteúdo desejado e por apresentar uma gama de diferentes autores e textos.

REVISÃO DA LITERATURA

Em Mattos e Silva (2020), é apresentada a razão do porquê se aprimorar nos estudos histórico-diacrônicos da língua portuguesa, compreendendo diferentes campos teóricos - como a sociolinguística laboviana e o gerativismo - até chegar, mais recentemente, ao uso funcionalista da língua. Neste sentido, com o apoio da Linguística Funcionalista e da Gramática de Construções⁶, pode-se notar processos de gramaticalização e discursivização,⁷ não só em recortes sincrônicos de uso funcional e ativo da língua, mas também em estudos filológicos. Nesse sentido, há de se notar as primeiras variações discursivas em construções sintáticas e é impossível não fazer uma correlação de tais traços a seus respectivos períodos, pois o processo de gramaticalização privilegia a trajetória dos elementos linguísticos do léxico à gramática, por exemplo, tornar verbos plenos em auxiliares (Cunha 2016); neste sentido, quando se analisa

³ Entre os mais renomados linguistas, não há consenso em se tratando dos períodos históricos para separação entre as eras de mudança do idioma o que causa divergência não só nas nomenclaturas como nas escolhas das datas; por esta razão, o presente trabalho escolheu a denominação do mestre Lindley Cintra a Silva Neto, o qual divide a história da língua portuguesa em: Português Pré-histórico (IX-XII), Proto-histórico (XIII) e Trovadoresco (XIV-XV).

⁴ Apud. Mattos e Silva (2020)

⁵ *Domínio Público, Projeto Littera e O corpus do português*.

⁶ Cunha, Oliveira & Martelotta (2015).

⁷ Gramaticalização e a Discursivização são, na linguística funcional, fenômenos associados aos processos de regularização da língua, ou seja, relacionam-se à variação e mudança linguísticas manifestando o processo não estático da gramática e demonstrando que as línguas estão em constante mudança, por consequência da incessante criação de novas expressões e arranjos na ordenação vocabular. Sob esta perspectiva: a gramática entende-se por conjunto de regularidades (sincrônicas) decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de uso; já o discurso está relacionado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para determinado ouvinte em determinada situação comunicativa.

diferentes autores, fica perceptível um padrão de mudança e variação que acontece historicamente - como em toda organização viva e natural, tal como é a língua e seus elementos constituintes -, uma vez que entende-se que *nada se perde mas tudo se transforma*. Na trajetória do processo linguístico de sistematização, no momento de estabilização, o que ocorre é um processo de desgaste do termo que tem sofrido desbotamento e esvaziamento semântico expressivo e, por isso, as unidades migram de um nível gramatical (de uso corrente) para um nível não gramatical (uso selecionado), uma vez que deixam de obedecer às restrições de seleção dentro do pareamento forma-função e retornam ao nível do discurso. Logo, a gramaticalização *stricto sensu* é definida como a mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; já a gramaticalização *lato sensu* procura explicar as mudanças que se dão no interior da própria estrutura linguística, compreendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação na ordem vocabular.

Mattos e Silva (2020:17) afirma que as variações do presente são herança do passado, pois “pela variação gráfica se podem depreender indícios de realizações fônicas conviventes e pela variação morfológica e sintática podem ser percebidas possibilidades estruturais [...]”, um indício de que antes de quaisquer mudanças que possam ocorrer no sistema linguístico, ocorre variação. A autora, em sua obra, apresenta uma cantiga de amor de Paio Soares de Taveirós, *a Ribeirinha - cantiga de garvaia*, e aponta relevantes questões fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas; segue abaixo parte da segunda estrofe:

“[...]
E vós, filha de dom Paai
Moniz, e bem vos semelha
d'**aver** eu por vós garvaia?
Pois eu, mia senhor, d'alfaia
nunca de vós ouve nem ei
valia d'ũa correa.”⁸

A autora faz questão de destacar dois pontos acerca do verbo *aver* (haver) no português arcaico trovadoresco que aparece com valor possessivo. Entretanto tal sentido é esvaziado e recuperado pelo verbo TER ao longo do período arcaico, fato que é mantido, também, no período moderno do português. Além disso, nota-se o mesmo verbo *aver* com sentido de posse, como em: “*o maior filho que ouver*”; construção morfossintática que também sofrerá alteração ao longo do tempo. Assim, mais uma vez mostra-se relevante debruçar-se sobre a história da língua a fim de compreender o que ocorre nela (e com ela) na atualidade. Por esse viés, o

⁸ Disponível em Projeto Littera Cantigas Medievais Galego-Portuguesas

presente trabalho será baseado na Gramática de Construções e Linguística Funcional-Cognitiva, pois entende-se que a questão entre língua e sociedade acarreta na variação de unidades construcionais e, a partir disso, deve-se considerar um olhar linguístico sobre questões diacrônicas morfossintáticas.

METODOLOGIA

No começo do século XX, Ferdinand de Saussure apresenta as noções de *langue* e *parole*; a *parole* é uma visão da língua no plano das realizações individuais de caráter não social e de difícil estudo sistemático por sua dispersão e variação; e aquela, é a visão da língua no plano social, convencional e do sistema autônomo. De igual modo, o linguista Noam Chomsky distinguiu tais noções entre *competência*⁹ e *desempenho*¹⁰, em que o primeiro plano é universal, ideal e próprio da espécie humana (isto é, inato), sendo o segundo plano individual, particular e exteriorizado, também não sendo o modelo para interesse de estudos científicos. Apesar das diferentes interpretações de língua adotadas por ambos os autores, a questão central não só advinda dos estudos deles mas entendida no presente trabalho, é que a língua enquanto atividade humana, textual e discursiva tem seu lado social e histórico, apesar de os autores aqui brevemente citados não tenham considerado como importante a análise diacrônica da linguagem. Logo, ao se observar as construções latinas, é preciso considerar a norma da gramática da língua durante os diferentes períodos de tempo além dos estilos dos autores e obras escolhidas, quer sejam poéticas ou narrativas. Em virtude disso, faz-se uma análise sobre as variações morfossintáticas e semânticas provenientes dos usos da língua românica como o ponto inicial das variações que ocorreram - e continuam a ocorrer - em português; sob esse viés, partiremos do latim clássico (81 a.C a 14 d.C.)¹¹ para o português arcaico (século XII e XIII). Dessa forma, estabelece-se o objetivo do material coletado e analisado a fim de estabelecer e responder às perguntas sobre os momentos da variação e influências históricas sobre a língua atual, uma vez que, mesmo que a presente análise esteja debruçada em textos escritos, percebe-se os reflexos disso em textos oralizados, ainda que na escrita haja um monitoramento maior do produtor/falante. Nesse sentido, o linguista Hjelmslev não dá à escrita um lugar subalterno em relação à oralidade e, para ele, as grandezas das formas linguísticas não têm denominações

⁹ Refere ao conhecimento linguístico que permite a fluência que caracteriza um falante-ouvinte na sua língua nativa.

¹⁰ Refere-se ao uso linguístico do falante-ouvinte em situações concretas, isto é, o que ele produz e o que ele entende em sua língua nativa.

¹¹ Proposta feita por Adamik, em *The periodization of Latin: an old question revisited*.

naturais e podem ser designadas arbitrariamente de diferentes maneiras, pois elas possuem natureza algébrica¹², ou seja, relações intralinguísticas arbitrariamente manifestas em *substância*. Desse modo, dentro de uma análise semiótica, o autor estruturalista considerava variável a relação entre as formas do conteúdo e da expressão e, a partir de uma *matéria amorfa*, isto é “crua”, as línguas projetam suas substâncias de ordem sonora, gráfica ou gestual e, de cada ordem, diferentes sistemas que compõem a língua são formados; assim, a matéria existe no mundo físico, mas a substância sempre é resultado da incidência da forma sobre a matéria. Por fim, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004)¹³, as situações sociais são mediadas entre língua falada e escrita e dentro de um contínuo de monitoração estilística, porque observa-se graus de monitoramento em se tratando da mediação oralidade-escrita de acordo com alguns critérios, como: posição social do produtor da mensagem, sua relação com o(s) interlocutor(es), escolaridade, idade e sexo; com base nessas questões, pode haver mudança de estilo.

A metodologia escolhida foi a de coleta e análise de dados, os quais foram colhidos em um período de um ano e meio (entre 2020 e 2021), tanto os textos latinos quanto os de língua portuguesa; estes foram retirados do *Corpus do Português*¹⁴ e do *Projeto Littera de Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*¹⁵. Em contrapartida, os textos latinos foram selecionados do *Projeto Perseus Digital Library*¹⁶ e do site *The Latin Library*¹⁷, os quais disponibilizam inúmeros conteúdos de autores clássicos e pós-clássicos latinos, e, por conseguinte, a escolha de catálogos on-line de textos foi feita porque o acesso digital é facilitador de distâncias - tanto físicas quanto econômicas. Por fim, todos os excertos extraídos em latim foram traduzidos pela autora da presente monografia, o que conferiu a cada escolha de autor e texto um sentimento arbitrário influenciado pelos semestres de estudo de língua e literatura latinas, sem considerar que com a oportunidade de tradução, as percepções acerca das questões que a pesquisa trata foram melhor desenvolvidas e reconhecidas.

A princípio, como todo trabalho diacrônico, foi traçada uma linha do tempo. Nela, foram definidos os períodos, autores e gêneros literários (entendidos aqui como o formato do texto, propriamente dito, se em prosa ou em verso), a saber:

¹² Algebrismo hjelmsleviano: substância (para Saussure, significante), isto é *matéria*, sendo semioticamente realizável que se contrapõe ao plano da forma ou conteúdo (para Saussure, significado).

¹³ Capítulo 5.2: O português brasileiro - *O contínuo de oralidade-letramento*.

¹⁴ Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>

¹⁵ Disponível em <https://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>

¹⁶ Disponível em <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

¹⁷ Disponível em <https://www.thelatinlibrary.com/>

	Prosa	Poesia
Latim Clássico	Cícero	Catulo
	Júlio César	Virgílio
	*	Horácio
	*	Ovídio
Latim Pós-clássico	Sêneca	Petrônio
	Plínio, o Velho	Quintiliano
	Plínio, o Jovem	Lucano
	Suetônio	Marcial
	*	Tácito
	*	Juvenal
Latim Tardio	São Jerônimo	Gregório de Tours
	Santo Agostinho	Prudêncio

Tabela 2: A cada período, entre prosa e poesia, foram analisados cerca de 15 excertos

Em se tratando do corpus de português, a parte de poesia foi uma reunião de diferentes estilos de cantigas (amor, escárnio, amigo e maldizer) e algumas trovas medievais, datadas dos séculos XII ao XIV. Já em prosa, os excertos são de algumas novelas de cavalaria, crônicas e epístolas, entre os séculos XIII ao XV, dos mais variados autores sugeridos pelo corpus do português arcaico já citado.

Portanto, buscou-se diferentes autores e gêneros a fim de identificar uma possível variação morfossintática e semântica na estrutura das construções em torno e com o uso do verbo HABERE e, posteriormente, HAVER em seus paradigmas.

RESULTADOS/COLETA DE DADOS

Em gênese, a análise das traduções dos excertos e usos foi iniciada pelo Latim Clássico. O critério semântico, muitas vezes, prevaleceu ao morfossintático; logo, as atribuições do dicionário foram respeitadas e, acrescidas a elas, um olhar mais crítico sobre as construções e o possível novo caráter adquirido pelo vocábulo HABERE e afins, dentro do seu paradigma verbo-temporal, além dos modos verbais. Neste sentido, no latim, foram percebidos os seguintes usos:

i) No período clássico: sentido pleno (ter, possuir); pensar, cogitar; conquistar, ocupar território; também, ocupar espaço, permanecer; considerar, julgar, opinar; perífrase de *verbo + substantivo* e *verbo + adjetivo*.

ii) No período pós-clássico: sentido pleno (possuir); pensar, cogitar; fazer/realizar, construir; (ter) aparência; (ter em) casamento; obter vitória, causar triunfo, reconhecimento; ocupar espaço; considerar, julgar; verbo auxiliar + gerundivo; administrar, controlar.

iii) No período tardio: pleno (possuir); fazer/realizar, construir; impessoal; ter (carregado) dentro de si; considerar, julgar; governar, administrar; perífrases de *verbo + substantivo*, *verbo + adjetivo* e *haver temporal* (quantificador de tempo).

1.1 HABERE / TER - sentido pleno (*possuir*)

Texto inicial	Tradução
1.1.1 [...] <i>Impius haec tam <u>culta novalia miles habebit</u>, barbarus has segetes?</i> [...] (Verg. Ecl. 1)	“[...] e o bárbaro terá essas colheitas?”
1.1.2 <i>Haec super inposuit liquidum et gravitate carentem aethera nec quicquam terrenae faecis habentem.</i> (Ov. Met. 1.57, v. 68)	“Acima disso tudo ele alocou o éter líquido e sem peso, <u>que não tem nada das sujeira terrenas</u> ”

Tabela 3: HABERE/TER - sentido pleno; Lt Class.

1.2 HABERE / TER - pensar, cogitar, *ter em si [dentro de]*

Texto inicial	Tradução
1.2.1 “[...] <i>sed Clodi animum perspectum habeo, cognitum, iudicatum.</i> [...]” (Cic. ad Brut. 1.1)	“Eu Cícero tenho [estudado] o caráter de Clódio”
1.2.2 “ <i>ita ille demens erat ut eum quem consciuum tanti sceleris habebat ab se dimitteret, Romam etiam mitteret ubi et inimicissimum sciret esse nepotem suum (...)</i> ” (Cicero, <i>For King Deiotarius</i>)	“Como ele quem tinha tamanha consciência criminosa”

Tabela 4: HABERE/TER - pensar, cogitar, *ter em si [dentro de]*; Lt Class

1.3 HABERE / TER - possuir, conquistar, *dominar, estar em posse [de]*

Texto inicial	Tradução
1.3.1 “[...] <i>Pro multitudine autem hominum et pro gloria belli atque fortitudinis angustos se fines habere arbitrantur, [...]</i> ” (Caes. Gal. 1.2)	“pela glória tida da guerra e da bravura julgava-se ter as fronteiras estreitas”

Tabela 5: HABERE/TER - possuir, conquistar, *dominar, estar em posse [de]*; Lt Class.

1.4 HABERE / TER - julgar, conhecer, *achar, considerar*

Texto inicial	Tradução
1.4.1 “[...] <i>quare habe tibi quidquid hoc libelli / quaecumque, quod, o patrona virgo, / plus uno maneat perenne saeclo.</i> ” (Catu. 1)	“ Considera teu tudo o que há neste livro de poesia”

Tabela 6: HABERE/TER - julgar, conhecer, *achar, considerar*; Lt. Class.

1.5 HABERE / TER - *ter em companhia*: ficar; ocupar espaço/morar, permanecer

Texto inicial	Tradução
1.5.1 “[...] <i>observat L. Domitium maxime, me habet proximum; [...]</i> ” (Cic. Att. 1.1)	“ tem-me (mais) próximo” ~ <i>em companhia</i>
1.5.2 “ <i>His quoque non passim mundi fabricator habendum / aera permisit: vix nunc obsistitur illis, / cum sua quisque regant diverso flamina tractu, / quin lanient mundum:[...]</i> ” (Ov. Met. 1.57)	“A esses [elementos da natureza] também o criador do mundo não permitiu <u>o ar que pode ser tido [estar presente > ocupar] em toda parte</u> ”
1.5.3 “[...] <i>quae sera, tamen respexit inertem, / candidior postquam tondenti barba cadebat; / respexit tamen, et longo post tempore venit, / postquam nos Amaryllis habet, Galatea reliquit:[...]</i> ” (Verg. Ecl. 1)	“depois tem-nos Amarílide” ~ <i>em companhia</i>

Tabela 7: HABERE/TER - *ter em companhia*: ficar; ocupar espaço/morar, permanecer; Lt. Class.

Já no corpus selecionado do Latim pós-clássico, foram percebidas as seguintes construções e acepções:

2.1 HABERE / TER - sentido pleno (possuir)

Texto inicial	Tradução
2.1.1. <i>“quorum duo infantes adhuc rapti, unus iam puerascens insigni festiuitate, cuius effigiem habitu Cupidinis in aede Capitolinae Veneris Liuia dedicauit, Augustus in cubiculo suo positam,[...]”</i> (C. Suetonius Tranquillus, <i>Caligula</i>)	“o qual tendo ¹⁸ a imagem do Cupido em casa dedicou à Lúvia o Capitólio de Vênus.”
2.1.2 <i>“[...] in caelum quos evenit optima summi nunc via processus, vetulae vesica beatae? unciolam Proculeius habet, sed Gillo deuncem, [...]”</i> (Juvenal, <i>Satires</i>)	“Proculeio tem 12 partes (de uma herança)”

Tabela 8: HABERE/TER - sentido pleno; Lt Pós-Class.

2.2 HABERE / TER - ficar, *fixar-se*, ocupar território

Texto inicial	Tradução
2.2.1 <i>“Natus est Augustus M. Tullio Cicerone C. Antonio cons. VIII. Kal. Octob. paulo ante solis exortum, <u>regione Palati ad Capita bubula, ubi nunc sacrarium habet</u>, aliquanto post quam excessit constitutum.[...]”</i> (C. Suetonius Tranquillus, <i>Divus Augustus</i>)	“Os capitães desviados para a região dos gados, agora tem lugar junto do santuário”

Tabela 9: HABERE/TER - ficar, *fixar-se*, ocupar território; Lt. Pós-Class.

2.3 HABERE / TER - *considerar*

Texto inicial	Tradução
2.3.1 <i>“[...] <u>Bonum virum in deliciis non habet</u>,¹⁹ experitur, indurat, sibi illum parat.”</i> (Sêneca, <i>De Providentia</i>)	“O bom homem não considera gozos”.
2.3.2 <i>“[...] nam si iudicem benevolum, attentum, <u>docilem habeo</u>, quid amplius debeam optare, non reperio; [...]”</i>	“ Considero dócil”

¹⁸ *habitus* é uma forma do participípio e a tradução literal seria “tido”, mas optei pelo gerúndio a fim de tornar a construção mais orgânica em português

¹⁹ Literalmente: “O bom homem não *fica/está* dentro dos seus prazeres”; não *se encontra* [neles], não pensa, não considera;

(Quintiliano, <i>Institutio Oratoria</i> , Book 4)	
--	--

Tabela 10: HABERE/TER - considerar; Lt. Pós-Class.

2.4 HABERE / TER - obter, conquistar, estabelecer

Texto inicial	Tradução
2.4.1 “ <i>Viventi decus atque sentienti, Rari post cineres habent poetae.</i> ” (Marcial, <i>Epigrammata</i> , 1.1)	“Após a morte, raros poetas têm [a fama]”
2.4.2 “ <i>Ipse dies pulchro distinguitur ordine rerum: sportula, deinde forum iurisque peritus Apollo atque triumphales, inter quas ausus habere nescio quis titulos Aegyptius atque Arabarches, cuius ad effigiem non tantum meiere fas est.</i> ” (Juvenal, <i>Sátiras</i> 1.7)	“Depois, Apolo experiente foi ao] fórum de justiça entre os triunfos entre os quais ousou ter não sei quais títulos ²⁰ os Egípcios e os Árabes,[...]”
2.4.3 “ <i>Vrbem Romam a principio reges habuere; libertatem et consulatum L. Brutus instituit. dictaturae ad tempus sumebantur;</i> ” (Cornelius Tacitus, <i>Annales</i>)	“Em sua origem reis julgaram a Cidade de Roma”

Tabela 11: HABERE/TER - obter, conquistar, estabelecer; Lt. Pós-Class.

2.5 HABER / TER - ter em casamento (casar, estabelecer matrimônio)

Texto inicial	Tradução
2.5.1 “ <i>habuit in matrimonio Agrippinam, M. Agrippae et Iuliae filiam, et ex ea nouem liberos tulit: (...)</i> ” (C. Suetonius Tranquillus, <i>Caligula</i>)	“ Teve em casamento Agrepina, a filha de Agripa e Julia”

Tabela 12: HABERE/TER - casar, estabelecer matrimônio; Lt. Pós-Class.

Em se tratando do Latim Tardio, obteve-se as seguintes constatações:

3.1 HABERE / TER - sentido pleno (possuir)

Texto inicial	Tradução
---------------	----------

²⁰ Literalmente: Desconhecia (*não sabia*) quais triunfos tinham os Egípcios e Árabes

3.1.1 “ <i>Corpora candor habet, candor uehit²¹ ad superna mentes, 'candida massa' dehinc dici meruit per omne saeculum.</i> ” (Prudêncio, <i>PASSIO CYPRIANI</i> - XIII)	“(Ele) possui corpos cândidos”
3.1.2 “ <i>Aeterna nox illic latet expers diurni sideris, hic carcer horrendus suos habere fertur inferos.</i> ” (Prudêncio, <i>Carmen XI</i>)	“Este terrível cárcere tem trazido (movido) seus infernos (regiões inferiores)”
3.1.3 “ <i>Suggere, si quod habes iustum uel amabile uotum, spes si qua tibi est, si quid intus aestuas!</i> ” (Prudêncio, <i>Carmen XI</i>)	Se tens (alguma) promessa justa ou amável

Tabela 13: HABERE/TER - sentido pleno; Lt. Tard.

3.2 HABERE / TER - considerar

Texto inicial	Tradução
3.2.1 “[4] <i>maiolem horum non habeo gratiam quam ut audiam filios meos in ueritate ambulantes [5] carissime fideliter facis quicquid operaris in fratres et hoc in peregrinos</i> ” (<i>Vulgata, 3 João 1 - São Jerônimo</i>)	“Não tenho [a] maior graça do que esta, para que ouça que meus filhos [são] andarilhos em verdade”
3.2.2 [13] <i>multa habui scribere tibi sed nolui per atramentum et calamum scribere tibi</i> (<i>Vulgata, 3 João 1 - São Jerônimo</i>)	“Muito tenho escrito (considere) para ti mas recuso com o auxílio da tinta e (a) pena escrever-te.”

Tabela 14: HABERE/TER - considerar; Lt. Tard.

3.3 HABERE / TER - ter + atividade; verbo (semi)suporte

Texto inicial	Tradução
3.3.1 “ <i>Habet usitatum munus hoc diuinitas, quae uera nobis colitur in Christo et patre, [...]</i> ” (Prudêncio, <i>SANCTI ROMANI MARTYRIS CONTRA GENTILES DICTA</i>)	“(Ele) tem usado esta dádiva divina”
3.3.2 “[...] <i>habes loquentem, cuius amputaueras linguam: probatis cede iam miraculis.</i> ”	“(Tu) tens falado (eloquentemente)”

²¹ Governa corpos e mentes, *tem em seu domínio; conduz;*

(Prudêncio, <i>SANCTI ROMANI MARTYRIS CONTRA GENTILES DICTA</i>)	
3.3.3 “ <i>Nam mihi non facit fidem tam multorum onerum, quae aliquando numeraveram, tam repentina depositio, quamvis te accepisse litteras meas non dubitem, quarum rescripta non habeo.</i> ” (Augustine, Saint, <i>Epistulae. Selections.</i>)	“Ainda que não duvide que você recebeu minhas cartas, <u>não tenho respostas delas</u> ”

Tabela 15: HABERE/TER - (semi)suporte; Lt. Tard.

3.4 HABERE / TER - *impessoal*, quantificador abstrato

Texto inicial	Tradução
3.4.1 “ <i>Cumque oblatus fuisset infans, triginta dies ab ortu habens, ait ad eum episcopus: 'Adiuro te per Iesum Christum, filium Dei omnipotentis, ut, si ego te generavi, coram cunctis edicas!'</i> ” (Gregório de Tours 2; <i>HISTORIARUM LIBER SECUNDUS</i>)	“ Tendo a partir de trinta dias para aparecer”

Tabela 16: HABERE/TER - *impessoal*, quantificador; Lt. Tard.

3.5 HABERE / TER - estabelecer, *fazer*

Texto inicial	Tradução
3.5.1 “ <i>Miror, quod ipsum non sacrastis Mentorem / nec templum et aras ipse Fidas habet, / fabri deorum uel parentes numinum, [...]</i> ” (Prudêncio, <i>Contra Getiles</i>)	“Nem Fidas ele próprio (não) tem templo e (nem) altar”

Tabela 17: HABERE/TER - estabelecer, *fazer*; Lt. Tard.

Por fim, tem-se no Português arcaico ²²(séculos XII ao XV) as seguintes construções: Haver em sentido pleno (possuir); impessoal (existir); perífrases (prenúncio de tempos compostos) de *verbo + verbo*; sentido locativo; conciliação; e, por fim, mudança de classe gramatical com o sentido de “crédito”.

4.1 HAVER - sentido pleno

²² A maioria das obras selecionadas dos bancos de dados on-line são anônimas e sem título, por essa razão estão apresentadas apenas as datas dos excertos analisados

Prosa	Poesia
<p>[...] Ora me di, amiigo, como pensas tu, antre os arroidos do segre, haver estas cousas e veer Jesu Cristo em sua craridade? Certamente nom o veem assi os moradores das cidades e das praças. [...]</p> <p>Boosco Deleitoso²³</p>	<p>[...]</p> <p>E des que a vi sempr'a muit'amei, e sempre lhi seu amor demandei, e non'o houvi nen'o haverei;</p> <p>[...]</p> <p>João Airas de Santiago</p>
<p>(...). E como homẽ novo e de gram coracom e que muito desejava de servir el rei dom Fernando, que o criara, e de seer conhecido e haver nome de boom, cuidou em si mesmo sem falando com outro nenhuû a gram criaçam que el rei lhe fezera e as muitas mercees que seu linhagem dele recebera. (...)"</p> <p>Crónica do condestável Nuno Alvarez²⁴</p>	<p>A Deus grad'hoje, mia senhor, porque vos eu posso veer! Ca nunca eu vira prazer no mundo já per outra rem. Quand'haverei eu nunca bem, se mi o Deus i de vós nom der?</p> <p>[...]</p> <p>Vasco Praga de Sandim</p>

Tabela 18: HAVER - sentido pleno; Port. Arca.

4.2 HAVER - impessoal (*existir*)

Prosa	Poesia
<p>(...) "Sam logo para as servir", lhe dissera elle. "Mas se algua fadiga tendes, senhora, para que vos nam cumpra, ainda me tornarei a hir, que o doo que [h]ouve de vos veer assi antre estas penhas me fez descer para saber se mandaeis algua cousa de mim que vos comprise, que esta obrigaçam me pareceo que era devida ao acerto de vir eu por aqui." "Para que vos eide dizer?", tornou ella entam, (...)</p> <p><i>Menina e moça</i>, Bernadim Ribeiro²⁵</p>	<p>Não eram ancorados, quando a gente Estranha pelas cordas já subia. No gesto ledos vêm, e humanamente O Capitão sublime os recebia. As mesas manda pôr em continente; Do licor que Lieu plantado havia Enchem vasos de vidro; e do que deitam Os de Fáëton queimados nada enjeitam.</p> <p><i>Os Lusíadas</i> - Luís de Camões</p>

Tabela 19: HAVER - impessoal; Port. Arca.

4.3 HAVER - perífrase com verbo

Prosa	Poesia
<p>"(...) e, porque tudo seja segundo a ordenança concordante, em aquela hora em que Eva foi enganada per o diaboo,</p>	<p>"[...]</p> <p>E se me Deus vosso bem der, e me non'ar quiser guisar</p>

²³ Datado em 1400-1451

²⁴ Datado em 1431

²⁵ Datado em 1554

<p>Maria em aquela foi ensinada per o angeo. Enviado, ergo, he o angeo Gabriel, que he charnado forteleza de Deus, por tal que este denunciase a virtude e sabedoria de Deus haver de tomar carne, em a qual, parecendo baixo, houvesse conquistar os poderios dos aares; e porem com razom da ordem clos arcangeos houve de seer, porque grandes cousas e novas denunciou.(...)” Livro de vita Christi²⁶</p>	<p>vosco que me possa durar, nom mi haverá mester²⁷; ca sei ca log'a rogar <u>haverei</u> Deus por mia morte, mia senhor.” Vasco Praga de Sandim</p>
	<p>“[...] Ca se eu migo podesse poer, se Deus mi valha, de a nom amar, ela nom havia que mi rogar, ca eu rogad'era de o fazer; mais nom posso querer mal a quem Nostro Senhor quis dar tam muito bem [...] João Airas de Santiago</p>
	<p>“Não eram ancorados, quando a gente Estranha pelas cordas já subia. No gesto ledos vêm, e humanamente O Capitão sublime os recebia. As mesas manda pôr em continente; Do licor que Lieu plantado <u>havia</u> Enchem vasos de vidro; e do que deitam Os de Fáeton queimados nada enjeitam.” <i>Os Lusíadas</i> - Luís de Camões</p>

Tabela 20: HAVER - perífrase Verbo + Verbo; Port. Arca.

4.4 HAVER - sentido locativo (*estar em*)

Prosa
<p>“(...) seruir a dita sua rraçom commo de dereito deuja & era theudo de ffazere avendo en ello cõçiência que queria e entendia arrenûciar simplezmëte a dita sua rraçom cõ sua prebenda e posse e dereito della que o dito Lopo Martjz avija na dita Egreia de Sam Pedro nas mãos do dito priol e de cõsintijmëto do dicto seu collegio da dita Egreia a que esto pertẽcia e dello estauã em posse paçífica longujssima pera auer de seer dada cõffirmada a clerigo que a aia d'auer e sserujr.” Documentos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Notarios (1401-1499)</p>

Tabela 21: HAVER - locativo; Port. Arca.

²⁶ Datado em 1446

²⁷ Expressão cristalizada = "ser inútil", em vão

4.5 HAVER - conciliação (avir-se)

Prosa
CAPITULO XLVI 11 Ante que el rei partisse de Guimaraaes, onde estaava lii, lhe veeo recado que el rei de Castela, com todo seu poder, se vinha ao reino de Portugal pera o haver . E logo el rei pos em sua vontade de, com ajuda de Deos, lhe poer a batalha;(...) Crónica do condestável Nuno Alvarez (1431)

Tabela 22: HAVER - conciliação; Port. Arca.

4.6 HAVER - derivação regressiva (mudança de classe gramatical; *crédito, bens*)

Poesia
“[...] Faria-m'eu o que nos vós fazedes: le[i]xar velhas feas, e as fremosas e mancebas filhá-las por esposas. Quantas queredes vós, tantas filhades! E a mi nunca mi nêũa dades: assi partides migo quant' havedes [...]” Gil Peres Conde

Tabela 23: HAVER *crédito, bens*; Port. Arca.

DISCUSSÃO/ANÁLISE

1. LATIM

Como salientado no início, a presente pesquisa tem por objetivo analisar diacronicamente os usos do verbo HABERE e HAVER, do latim ao português, uma vez que a língua latina faz parte do tronco que originou a portuguesa; nisto, o período clássico latino já demonstra que a utilização deste vocábulo atrelada ao contexto da frase indica variação de uso, pois apesar de haver pouca alteração na forma, há mudanças significativas no conceito da palavra. De acordo com Martelotta (2018:49), "as línguas são sensíveis às nuances culturais associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando, de um lado, *variações* de natureza individual [...], e, de outro lado, *mudanças*, que se manifestam com o passar do tempo". Por conseguinte, o autor cita o que propõe Hopper (1991), pois de acordo com o *princípio de camadas*, as línguas podem frequentemente possuir e desempenhar mais de uma função

idêntica, mas a nova forma não implica o desaparecimento da inicial já existente; assim, em se tratando de *divergência linguística*, o que é apresentado são conjuntos de formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes, sem que - mais uma vez - a existência do novo uso implique no desaparecimento do termo pioneiro, nem do uso original. Portanto, tais teorias do século XX são aplicáveis em contextos de uso linguístico clássico como os explicitados ao longo do projeto.

Ademais, baseando-se em Givón (1979:50), as pesquisas sobre mudança linguística dentro do funcionalismo tendem a ser diacrônicas, já que as evidências são apoiadas no uso da língua (seja no registro oral ou escrito) em situações reais de comunicação, a fim de se melhor observar e perceber as motivações que geram as transformações que são sofridas pelos elementos linguísticos ao longo do tempo. Desde então, foi observado que tais transformações apresentam certa unidirecionalidade, pois caminham do discurso para a gramática. Tal teoria se comprova nos escritos dos autores clássicos aqui citados, pois nas tabelas 3, 4 e 5 há uma transferência semântica do valor verbal, onde no primeiro uso HABERE carrega a acepção de *possuir* algo - seja material ou abstrato; já no segundo uso, a noção de HABERE é *ter* em si, *no pensamento, em julgamento*; ainda, o terceiro uso com a noção de *ter* território, *ocupar espaço* parece ser um domínio mental na interseção dos dois anteriores; mas, há de se considerar que em todos eles a semântica de “possuir” está presente. Então, em princípio, o que se verifica são novos usos que não anulam o primeiro e coexistem em harmonia uns com os outros, uma vez que os contextos de uso são diferentes e aceitáveis para cada situação distinta. Assim, os exemplos 1.1.1 “[...] e o bárbaro **terá** essas colheitas?” ([...] *Impius haec tam culta novalia miles habebit, / barbarus has segetes?*) e 1.2.2 “Como ele quem **tinha** tamanha consciência criminosa” (“*ita ille demens erat ut eum quem consciuum tanti sceleris habebat ab se dimitteret*) demonstram usos do chamado *sentido pleno* do verbo HABERE, porque considera a produção das colheitas - resultado material de algo que se possui - mas também o *ter em si*, carregar uma consciência, isto é, possuir algo que não se pode tomar, pois é imaterial e por isso o sentido pleno latino de “carregar” a coisa possuída.

Além disso, com base em Labov (1994:51), a tendência da linguística funcional é captar as mudanças gramaticais sob uma ótica em que elas ocorrem em todas as fases da história das línguas e tenderão a continuar ocorrendo, porque tal tendência não está centralizada ou restrita às mudanças sucessivas que uma ou outra forma linguística pode assumir, mas aos critérios e rumos dos processos cognitivos relacionados à produção e à transferência de informação entre diferentes domínios conceituais praticados no uso da língua. Outrossim, processos conceituais de

domínio discursivo, assim como de metáfora e metonímia - a partir da Linguística Cognitiva - são fatores que agregam às situações sociodiscursivas aos aspectos comunicativos estímulos cognitivos. Isso explica as novas entradas de dicionário obtidas no Latim Pós-clássico e Tardio, como observado nas tabelas 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 17. Logo, pode ser visto no exemplo 3.1.3 em que “*Se **tens** (alguma) promessa justa ou amável*” (“*Suggere, si quod habes iustum uel amabile uotum*”), o sentido de receber aqui empregado é metafórico uma vez que quando “se tem/há” uma promessa, é algo possível e abstrato, e considerar tal juramento justo ou não, é atribuir valor a algo imaterial, justificando as premissas aqui abordadas em se tratando dos domínios discursivos e *frames* mentais. No exemplo 3.4.1 em “***Tendo** a partir de trinta dias para aparecer*” (“*triginta dies ab ortu **habens**, ait ad eum episcopus:*”), começa a ser produtivo o uso do verbo HAVER para representar tempo decorrido já no latim tardio, o que irá se consolidar no português moderno. Logo, a gramática moderna do português já indica que a sintaxe desse verbo é diversificada, uma vez que, conforme seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas do discurso ou apenas na 3ª pessoa do singular. Por isso, a depender da regência e uso, o verbo HAVER pode ter função de verbo auxiliar e, neste caso, ser empregado em todas as pessoas, sendo verbo pessoal; segundo Cunha & Cintra (2011), é raro nos escritores modernos mas muito frequente nos autores do português antigo e médio o uso pessoal do verbo HAVER, nas acepções de “ter, possuir”; “julgar, pensar, considerar e ter para si”; tais afirmativas reforçam as concepções do uso latino de HABERE assim como sua tradução e tradição, pois carrega uma herança histórico-linguística.

Trazendo à tona a ideia proposta por Lyons (1979:50)²⁸, há de se considerar que a evolução diacrônica deve ser aplicada de modo macroscópico, porque seria errado supor que as línguas são uniformes em apenas determinado momento de sua evolução. Portanto, a visão funcionalista da língua propõe lugar especial para a importância do contexto, isto é, a língua em uso, atualizada e utilizada como elemento gerador de novas significações. Já nos termos de Marcuschi (2000)²⁹, a significação é *negociada* pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível aos elementos linguísticos se adaptarem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido; ou seja, a semântica não pode ser vista como convencional, autônoma e idiomatizada pois as situações sociocomunicativas despertam novos usos e significados às palavras; assim, pode-se atribuir *elasticidade* de sentido e significação ao verbo aqui analisado, uma vez que a pragmática deve ser considerada, assim como a

²⁸ *apud* Mário Eduardo Martelotta (2015:60)

²⁹ *apud* Mário Eduardo Martelotta (2015:61)

morfossintaxe, e não apenas a semântica isoladamente para compreender os usos, variações e mudanças adquiridas. Portanto, não se pode desconsiderar, também, a criatividade linguística que formula e reformula os usos e significações das palavras de acordo com as necessidades comunicativas e restrições cognitivas.

Em se tratando da questão morfossintática dos enunciados, ao se debruçar nos estudos de Ferreira (2018)³⁰, percebe-se que a autora propõe um olhar panorâmico - isto é, simultaneamente diacrônico e sincrônico - sobre o sistema latino e português, o que permitiria observações mais transparentes da natureza sistemática e estável das relações polissêmicas, dos usos e construções nas quais estão focalizadas itens em análise do sistema linguístico. Assim, Burgman (*apud* Labov 1994)³¹ afirma que os fatores a produzir mudanças na fala humana, cinco ou dez mil anos atrás, não podem ter sido essencialmente diferentes daqueles que estão operando ou transformando as línguas vivas; neste sentido, observa-se no corpus levantado no presente apresenta certa estabilidade sintático-semântica, sobretudo no que diz respeito às paráfrases que tiveram início no sistema latino e são usuais e presentes no português moderno, como vistas nas tabelas 15 e 20. Por isso, em 3.3.1 “(Ele) **tem** usado esta dádiva divina” (“**Habet** usitatum munus hoc diuinitas”), é possível observar a transitividade e regência verbais, de modo que o vocábulo, ao longo do tempo, passará a flutuar de verbo nocional para verbo (semi)suporte, regendo e sendo regido, a depender do contexto e intencionalidade do produtor da mensagem.

Goldberg (1994) postula que não é possível tratar forma e significado separadamente, visto que aspectos da estrutura de uma dada expressão complexa contribuem para a interpretação dela. Pode-se definir, então, as construções com verbos-suporte como sendo uma combinação especial de um verbo leve semanticamente (que não têm uma carga relevante de significado) com um sintagma nominal na posição de objeto, de forma que essa combinação dá margem a um novo significado que não está diretamente relacionado com os significados de seus constituintes. Nisto, observa-se que os verbos TER/HAVER, no português, encaixam-se em tais argumentos; porém, deve-se ter cuidado ao diferir tal concepção de quando esses mesmos verbos tornam-se auxiliares para outros verbos, formando locuções verbais, como em 3.2.2: “Muito **tenho** escrito (considerarei) para ti mas recuso com o auxílio da tinta e (a) pena escrever-te.” (“multa **habui** scribere tibi sed nolui per atramentum et calamum scribere tibi”), pois tais relações podem revelar outras questões sintáticas como de orações subordinadas reduzidas de formas nominais, seja gerúndio, particípio ou infinitivo. Vale argumentar, portanto, que uma avaliação sintático-semântica dessas

³⁰ Capítulo 4 - Estabilidade e continuidade semântica e sintática; p 63

³¹ Citado pela autora do capítulo, Ferreira p. 64

construções é inerente ao seu valor pragmático, já que a alteração do sintagma nominal constituinte colabora para os efeitos discursivos que melhor atendem às necessidades discursivas de cada produtor da mensagem, pois tais relações de gramaticalização e/ou lexicalização (discursivização) são intrínsecas aos elementos funcionais das línguas.

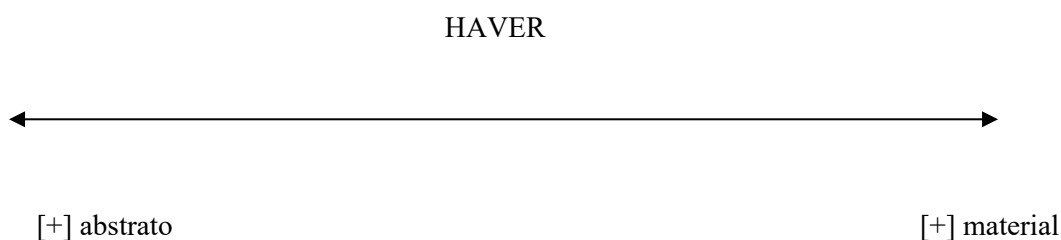
Logo, observa-se que a variação implica mudança e estabilidade, uma vez que são vistas formas estabilizadas, pois, além do sentido pleno, mais ocorrências foram registradas no levantamento de dados em dois dos três períodos latinos, a saber: HABERE/TER como *realizar, construir* (Lt. Pós-class. e Lt. Tard); *ter em si, carregar dentro de si* e HABERE no sentido de *administrar, governar, controlar*. Já nos três períodos foi registrada estabilidade nas construções e usos do verbo com o valor de considerar, *julgar, opinar*. Além disso, observa-se na tabela 16 do Latim Tardio, temporalmente mais próximo ao sistema da língua portuguesa, princípios do uso do verbo HABERE como impessoal, o que será um uso comum em português e não é visto de forma regular nos períodos Clássico e Pós-clássico latinos.

2. PORTUGUÊS

De acordo com Gonçalves (2019:41), “a segmentação dos elementos morfológicos tem, necessariamente, de ser pautada na pertinência do significado”; neste viés, é preciso considerar a relação entre morfologia e etimologia sem, contudo, cair no erro de considerar que as duas disciplinas sejam uma, apesar da relação entre elas. Assim, justifica-se a necessidade de estudos diacrônicos a fim de observar e analisar como o conteúdo do vocábulo, para a história da língua e etimologia, é tão relevante para a etimologia quanto para a morfologia, apesar de as áreas se inclinarem de modos distintos sobre tais questões. No presente trabalho, em se tratando do português medieval, observa-se uma herança latina visto que a semântica de HABERE > HAVER é mais abstrata; já o verbo TER possui um valor mais concreto e material. Ora, valendo-se então da etimologia, a primeira acepção do HABERE latino é *ter em posse (possuir)*, até mesmo *guardar*, como já observado nos excertos latinos ao longo do trabalho. O que houve, então, foi uma extensão de sentido em que HABERE passou a ser compreendido também como TENERE, que significa *segurar, obter, agarrar, ter nas mãos*; ou seja, a acepção de *ter em mãos* também foi compartilhada e estendida para o verbo HAVER no latim e isso desencadeou variação morfossintática entre HAVER e TER no português.

Cunha & Cintra (2011) comentam, acerca do português moderno, que enquanto verbo principal HAVER pode ter as significações de *conseguir, obter, alcançar, adquirir*; enquanto principal e usado com forma reflexiva, pode ter significação de *proceder, comportar-se, conduzir-se* ou *entender-se, avir-se* no sentido de *ajustar contas*; quando verbo principal acompanhado de infinitivo sem preposição, tem sentido equivalente a *ser possível*. Ainda com base em aspectos morfossintáticos do português antigo, é constatado que HAVER era mais produtivo que TER com sentido de posse mais concreta ou mais abstrata, isto é, não era uma variação livre com diferentes predicados atributivos de posse, mas o que ocorreu foi uma gradação semântica verbal, fluuando num contínuo entre [+ concreto] para [+ abstrato], em uma espécie de gradação de posse, como observado no esquema adiante. Neste sentido, no português antigo, quanto mais abstrato fosse o valor de posse (imaterial), menos produtivo era o emprego do verbo *ter*; já o verbo *haver* era tão produtivo como predicador pleno quanto para qualquer valor semântico de posse³². Apesar da variação, atualmente, mantém-se no português um sentido mais existencial para o verbo HAVER, justamente por causa do conceito de abstração, o que o difere do verbo *ter*, o qual ainda carrega um sujeito pleno, [+ material, desde a época antiga.

Esquema de *continuum* verbal:



Por esse viés, na tabela 18, pode-se perceber a aceção e uso do HAVER como predicador pleno em língua portuguesa, tanto na prosa como na poesia; pode-se observar em “[...] *Ora me di, amiigo, como pensas tu, antre os arroidos do segre, **haver** estas cousas e veer Jesu Cristo em sua craridade?(...)*” a aceção de *haver* como possuir algo [cousas]; apesar disso, na tabela 21, pode-se perceber além do sentido locativo, o valor de posse nele intrínseco, como em “*posse e dereito della que o dito Lopo Martjz **avija** na dita Egreia de Sam Pedro*”. Já na tabela 19 “*Mas se alguma fadiga tendes, senhora, para que vos nam cumpra, ainda me tornarei a hir, que o doo que **[h]ouve** de vos veer assi antre estas penhas me fez descer para saber se*

³² Cf. Mattos e Silva (1997), apud Lopes et al. (2017).

mandaeis alguma coisa de mim que vos comprise,(...)”, um dos usos próprios do português moderno pode ser observado no excerto, pois denota-se tempo decorrido, ou seja, uso impessoal para o verbo e, neste caso, não há sujeito na oração. Neste caso, afasta-se do sentido inicial de posse.

Na tabela 20 apresenta-se a perífrase verbal, uma vez que, assim como no latim, o verbo HAVER acompanha outro predicador e deixa de exercer um papel pleno, isto é, de predicador principal. Apesar disso, pode-se analisar com base em Lopes *et al* (2017)³³, “os verbos auxiliares *haver* e *ter*, nas construções com particípio passado, passam de plenos a auxiliares: perdem o valor semântico de posse e deixam de ser predicadores da sentença, atuando apenas como marca flexional”. Logo, percebe-se que ocorre uma gramaticalização de tais verbos; por conseguinte, pode-se afirmar que as construções com o verbo HAVER indicam predicado com valor de posse ou variantes deste quando predicadores da oração; nesse sentido, HAVER é pleno e exige um sujeito sintático, já seu auxiliar vem em forma de adjetivo; outro caso que também aparece no português antigo são os verbos TER ou HAVER não em construções transitivas, mas em estruturas de tempo composto perfectivo, uma vez que o particípio deixa de sofrer flexão de gênero e número e, por isso, os sentidos verbais são esvaziados e deixaram de atuar como verbos plenos, passando a, neste tipo de construção, atuar apenas como verbos auxiliares, não selecionando nenhum constituinte (com o tempo, o *ter* prevalecerá sobre o *haver*). Dessa forma, tais construções tornam-se cristalizadas e o particípio passa a funcionar como predicador que seleciona um argumento interno (complemento verbal), como em “*Do licor que Lieu plantado havia / Enchem vasos de vidro*”, na tabela 20.

Por fim, nas tabelas 22 e 23, as noções de conciliação e posse são vistas uma vez que - na jurisprudência - o verbo, em português, “reaver” traz na forma e no significado as concepções de *ter em posse novamente* após uma conciliação; e é herança dos exemplos aqui estabelecidos em “*el rei de Castela, com todo seu poder, se vinha ao reino de Portugal pera o **haver**.*” e em “*Quantas queredes vós, tantas filhades! / E a mi nunca mi nêña dades: / assi partides migo quant'**havedes***”, que denota ao substantivo *haveres*, com o significado de um conjunto de bens ou de objetos pessoais de alguém, isto é, pertences. Logo, verifica-se que tanto a forma quanto o conceito são mantidos quase sem alternância de valor no português moderno desde o antigo; mas, diferentemente da morfologia e da semântica, há variação morfossintática de uso e função do verbo HAVER na construção de frases.

³³ Construção *haver/ter* + particípio passado (p. 191)

CONCLUSÃO

Pode-se perceber que a variação linguística é comum e ocorre dentro dos padrões e possíveis modificadores constituintes das línguas naturais. Por isso, ela é percebida nos recortes temporais latinos: Clássico, Pós-clássico e Tardio, pois a variação é natural, esperada e inevitável. Com base na análise e padrões variacionais do verbo latino HABERE, foi observado que dentro do paradigma verbal de forma-função que este verbo, além de garantir manutenção no sistema da língua portuguesa, adquiriu mudança construcional, pois ganhou novas formas e usos.

Não é possível avaliar ou prever os contextos de uso, uma vez que o referente e a escolha pessoal do falante, assim como questões extrínsecas à língua (como sexo, escolaridade, idade, região, etc.) também são fatores para a variação e produção. O que ficou claro ao longo da pesquisa aqui presente foi que ao longo do tempo os usos são convencionados e, após estabilização, há certa *reorganização* lexical e, por meio dela, formas livres são cristalizadas ou tornam-se opacas. O verbo HABERE foi transformado formalmente ao longo do tempo, mas não esvaziado de sentido; apesar de poder juntar-se a outras formas verbais e criar perífrases, a variação não fez com que tal forma caísse em desuso, mas deu a ela a capacidade de adequar-se e comportar-se como predicador pleno ou auxiliar de acordo com a vontade do produtor da mensagem sem gerar confusão ou incompreensão ao interlocutor. Logo, o que se verifica é uma oscilação entre os campos da gramática e do discurso sem que haja cristalização da forma, isto é, ao longo do tempo há variação das construções sem esvaziamento total de uma ou de outra, ou seja, não há pressão suficiente para que o verbo seja plenamente gramaticalizado ou lexicalizado na área discursiva.

Além disso, é notório como é impossível especificar uma acepção única a um vocábulo, tanto que nem o próprio dicionário faz isso. Neste viés, pode-se perceber, também, tanto no latim quanto no português o contínuo semântico que faz as formas HABERE e HAVER flutuarem de [+] abstrato para [+] material, o que impacta diretamente nas escolhas e usos das formas, do latim ao português. Vale ressaltar, também, a extensão conceitual que o verbo tomou por empréstimo de outro, TENERE, o que influenciou e influencia, também, na variação e uso; mas, no português, essa influência compete diretamente com o étimo TER, que não foi objeto discutido no presente projeto, mas não pode ser desconsiderado.

Por fim, o que se verificou foi a manutenção - mesmo que indireta - da primeira entrada de significação: *possuir*. Mesmo que, ao longo do tempo, os usos do HABERE sejam modificados no português, o verbo HAVER não se afasta completamente das significações latinas, por mais que pareçam distantes cronologicamente, estão intimamente ligadas linguisticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO, Mini; 8ª Edição revista, atualizada e ampliada; Março de 2014; Ed. Positivo

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004

CHISHMAN, R. L. & ABREU, T. B., **TEORIAS GRAMÁTICAS: Gramática, uso e variação linguística em contextos de língua materna e estrangeira;** Revistas USP, V. 27 N. 1; 2014; Universidade do Vale dos Sinos; 2014

CUNHA, C. & CINTRA, L., **Nova Gramática do Português Contemporâneo,** 5ª Edição, Lexikon, Rio de Janeiro, 2011

CUNHA, M. A. F, OLIVEIRA, M. R & MARTELOTTA, M. E., **Linguística Funcional: teoria e prática;** 1ª ED., São Paulo; Parábola Editorial, 2015

DAVIES, Mark, **O Corpus do Português;** disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/> acesso em 2021

FARIA, Ernesto et al., **Dicionário Latino-Português,** publicado pela Campanha Nacional de Material de Ensino; 3ª Edição, 1962; Ministério da Educação e Cultura;

FERRARI, Lilian, **Introdução à linguística cognitiva,** 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo, Contexto 2016

GONÇALVES, C.A., **Morfologia,** 1. ed. São Paulo, Parábola, 2019

LIMA, Dayanne Teixeira, **FORMA PURA E FORMA MATERIAL: LÍNGUA, ORALIDADE E ESCRITA A PARTIR DE HJELMSLEV,** 2016, Tese de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), Maceió, 2016

LOPES, C. R. S, et al., **Olhares sobre o português medieval: filologia, história e língua,** Ed. Vermelho Marinho e FAPERJ, 2017

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **PRODUÇÃO TEXTUAL, ANÁLISE DE GÊNEROS E COMPREENSÃO;** 1ª ed. 11ª reimpressão. ed. São Paulo, Parábola, 2018

MATTOS E SILVA, R. V., **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe;** 2ª ed. 1ª reimpressão, Ed. Contexto, 2020

ORLANDI, Eni Puccinelli, **O QUE É LINGÜÍSTICA,** 1986, Ed. Hedra Ltda. 2ª edição, 2009

PERSEUS DIGITAL LIBRARY, Tufts University; disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> acesso em 2020

PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO, Biblioteca Digital desenvolvida em software livre; disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp> acesso em 2020

PROJETO LITTERA, Cantigas Medievais Galego-Portuguesas; disponível em <https://cantigas.fcsb.unl.pt/index.asp> acesso em 2021

ROSA, M. C., **Introdução à (Bio)linguística: linguagem e mente**, Ed. São Paulo, Contexto, 2010

SAINT-EXUPÉRY, Antoine, de; **O Pequeno Príncipe**; trad. de Dom Marcos Barbosa, 48ª Edição, 36ª Reimpressão, Edição Revista 2006 - epígrafe

THE LATIN LIBRARY, CAREY, W.L.; disponível em <https://www.thelatinlibrary.com/>, acesso em 2020

TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G., **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013